



MÍSTICA E PROFECIA NO FEMININO: NOTAS PARA LER ALGUMAS MÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Maria Clara Lucchetti Bingemer^p

Quando autênticos amigos de Deus - tal como o foi, de acordo com meu sentimento, Mestre Eckart - repetem palavras que ouviram no segredo, em meio ao silêncio, durante a união de amor, e elas estão em desacordo com o ensinamento da Igreja, é simplesmente porque a linguagem da praça pública não é a da câmara nupcial" (WEIL, 1966, p. 59).

RESUMO

A mística cristã hoje se vê a braços com a questão por sua identidade, às vezes perdida e fragmentada no meio de um mar de experiências religiosas outras, que não necessariamente passam pela alteridade a qual, em sua absoluta liberdade, revela-se como Santidade, ou seja, alteridade absolutamente outra.

Palavras-chave: Mística cristã. Alteridade. Experiência religiosa.

INTRODUÇÃO

Para nós, da tradição judeu-cristã, falar de mística é falar inseparavelmente de Palavra e de profecia, pois todo místico ouve a Deus em seu interior, sente-se por ele abraçado em todas as dimensões de seu ser e sua vida e isto, longe de aliená-lo em um intimismo espiritualista um tanto quietista, o lança em direção ao mundo e ao outro a fim de falar do que ouviu e sentiu no encontro amoroso e na união misteriosa com o Senhor. Todo místico, homem ou mulher, é, pois inseparavelmente e ao mesmo tempo, um/uma profeta.

Nesta comunicação caracterizaremos primeiramente o que entendemos por mística. Em seguida situaremos a mística assim entendida na contemporaneidade que é a nossa, marcada pela secularidade sem remissão e pela pluralidade que faz com que o cristianismo histórico perca a hegemonia adquirida ao longo de muitos séculos. Tomaremos em

^p Mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG-Roma). Docente associada no Departamento de Teologia da PUC-Rio.



seguida o caso de duas mulheres contemporâneas, duas místicas com os quais pretendemos ilustrar o que aqui dizemos: Etty Hillesum e Dorothy Day.

A MÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo o Pe. Vaz, em um de seus últimos textos, do ano 2000 no Novo Testamento encontram-se as raízes mais profundas dos três ramos da mística cristã que crescerão no Ocidente: a mística especulativa, a mística mistérica e a mística profética (VAZ, 2000). Entre estas, a mística profética é por excelência a mística da Palavra. É o fruto amadurecido da ação transformante da Palavra de Deus no espírito daquele que recebe essa Palavra pela Fé, e que pelo Batismo renasce a uma vida nova. No NT, encontra seu lugar nas duas dimensões do *kerygma*: a palavra e o mistério. Tem como pedra angular a correspondência entre fé e palavra (*Acreditei, por isso falei*). Na perspectiva da mística profética, o ser humano é um ouvinte da palavra. E a mística profética acontece com três níveis de mediação: a criatural, a da graça, a histórica. A ação na história a partir da experiência mística vivida vai fazer com que essa mística tenha duas dimensões fundamentais: 1. buscar a Deus; 2. buscar o outro, o próximo, sobretudo ali onde ele ou ela está desamparado e sofrendo.

Ainda no dizer do Pe. Vaz, na experiência mística revela-se o Sentido Radical da vida humana (BOFF, 1974). Se toda experiência religiosa é uma experiência do Sagrado, certamente a experiência mística entendida como experiência que tem como objetivo maior a união com Deus enquanto mistério e graça, é uma experiência que requer a pessoa inteira, em uma consciência que apreende, assimila e interpreta a experiência, não se contentando com a sensação afetiva e catártica que ela provoca.

Em se tratando da experiência mística tal como o cristianismo a entende, ou experiência cristã de Deus, – continua o Pe. Vaz – trata-se da presença do Sentido Radical numa existência particular e historicamente dada: a de Jesus de Nazaré; e dita numa palavra condicionada e histórica: a palavra da Revelação. A Palavra de Deus que acompanha seu povo levando-o rumo à realização da promessa vai desenvolver uma lógica própria na experiência de fé que suscita na história do povo. Neste sentido, a Encarnação de Deus em Jesus Cristo, culminância desta dinâmica, será a plena manifestação do Sentido radical manifestado não apenas através de uma realidade e sua expressão, mas inteiramente identificado com ela.

Na carne vulnerável e mortal de Jesus de Nazaré, e em Seu Espírito que sopra onde quer e arma sua tenda na carne humana é que vai se dar a experiência do Deus que nunca ninguém viu; é que vai se inaugurar, finalmente, a lógica do mistério, a lógica do inefável.

MÍSTICA DE OLHOS ABERTOS E OUVIDOS ATENTOS AO MUNDANAL RUÍDO

O teólogo Johann Baptist Metz, discípulo destacado do grande teólogo Karl Rahner e fundador da teologia política no campo católico, usa a expressão “mística de olhos abertos” para falar do clamor da terra, da união entre a experiência de Deus inspirada biblicamente e a percepção intensa do sofrimento alheio (METZ, 1996, p.26). Segundo ele, “a experiência de Deus inspirada biblicamente não é uma mística de olhos fechados, mas sim uma mística de olhos abertos; não é uma percepção relacionada apenas conosco mesmos, sem uma percepção intensificada do sofrimento alheio” (METZ, 1996, p.26).

Seguramente Metz se refere aí à etimologia da palavra “mística” que vem *do verbo gr. múo 'fechar, calar-se, fechar a boca ou os olhos'*. Vai mais longe, afirmando que a mística dentro da tradição judaico-cristã é uma mística de olhos abertos. A experiência mística, assim, não consiste tanto em ter visões extraordinárias, como em ter *uma visão nova de toda a realidade*, descobrindo a Deus como sua última verdade, como seu fundamento vivo, atuante e sempre novo.

O “místico de olhos fechados” vive com uma inusitada profundidade e consciência, a viagem sem fim do encontro com Deus que cada um inicia desde o primeiro dia da existência. Sair de suas mãos, e entrar no espaço e tempo da vida e do mundo, não foi uma despedida, mas pelo contrário, o começo de um encontro que já não tem fronteiras. Fecham-se os olhos para viver a intimidade povoada pelo mistério inesgotável de um Deus voltado para nós. Esta mística foi muito bem refletida e desenvolvida em todas suas etapas por grandes mestres da vida espiritual como Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.

Por outro lado, o “*místico de olhos abertos*”, abre bem seu olhar para perceber toda a realidade, porque sabe que a última dimensão de todo o real está habitada por alguém, por Deus. Relaciona-se com o mundo, dando-se conta dos sinais de Deus que enchem toda a Criação com sua ação incessante, com sua fascinante criatividade sem fim. A paixão de sua vida é olhar contemplativamente e não se cansa de contemplar a vida porque busca nela o rosto de Deus. Mergulha nas situações humanas, dilaceradas ou felizes, procurando essa presença de Deus que atua dando vida e liberdade. Já a escolástica e a Teologia



Clássica afirmam que a mística é “*Fides occulata*”, uma fé dotada de olhos, uma fé iluminada porque pode ver a realidade à luz de Deus (PANIKKAR, 2005, p. 53).

A espiritualidade, a mística, portanto, será uma atitude alerta, vigilante, de olhos abertos para ver, ler, entender a realidade, e transformá-la segundo o Espírito de Deus. Trata-se de uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho. Maneira precisa de viver “diante do Senhor” em solidariedade com todos os homens, sobretudo os mais pobres e oprimidos (GUTIÉRREZ, 1984, p. 107).

Enquanto o mal se impõe com a brutalidade da violência, da traição e do sangue derramado, ganhando as primeiras páginas dos jornais e as telas da TV e da internet, a ação de Deus no mundo é humilde e discreta e só pode ser captada pelos sentidos abertos, atentos e purificados daqueles e daquelas que vêem beleza onde a olho nu só aparece destruição e maldade e sabem decodificar os signos invertidos do mistério do amor que se diz no avesso de Si mesmo (BUELTA, 2002).

Para o olhar contemplativo do místico, nenhuma realidade é profana, pois Deus está presente em toda a realidade, amando-a e libertando-a desde dentro de si mesma com discrição infinita. E percebendo essa presença, dela tomando consciência e experimentando-a como amor, a revela aos outros e se une a sua ação libertadora (BUELTA, 2002).

A fonte primordial para o conteúdo da experiência mística e o testemunho dos próprios místicos. Eles são os primeiros e mais importantes teóricos de sua experiência (VAZ, 2000). A biografia do crente é a condição de possibilidade de uma leitura teológica da experiência mística e sua mensagem no mundo de hoje. E isto é verdade até o ponto de que a biografia do crente e a concreta configuração que sua existência toma a partir do evento de Deus em sua vida e da narrativa que disso faz se manifesta como uma história de salvação, uma concreta “exegese” da fé (SHINEIDER, 2000, p. 22).

Se essas afirmações e reflexões são feitas a partir da fé cristã, com muito mais razão. Muitos teólogos contemporâneos afirmam mais e mais a importância de passar de uma teologia de corte rigidamente especulativo a uma teologia narrativa, onde os mistérios revelados possam ser “ditos”, narrados e então somente refletidos¹. Há igualmente uma

¹ See for instance the works of Joseph Moingt. **L’ homme qui venait de Dieu**. Paris: Cerf, 2001. And also *Dieu qui vient a l’ homme*, vols. 1 and 2, Paris: Cerf, 2002-2003 among others. Also Johann Baptist Metz, **Memoria Passionis**. Santander: Sal Terrae, 2007. The same as Jon Sobrino, with the whole perspective of his theology, “no de textos sino de testigos” (not of texts, but of witnesses).

crescente ênfase na teologia hoje sobre a importância de fazer teologia não somente de textos, mas também de testemunhas².

A conexão da fé com a práxis do seguimento de Jesus implica que este não pode ser substituído por puras reflexões teóricas ou pesquisa de qualquer tipo. A teologia é até certo ponto, obrigada a pensar a partir do seguimento de Jesus e pode ser chamada de Teologia somente quando este seguimento define o lugar adequado de reflexão, e também quando a reflexão mesma é a prática do compromisso existencial do seguimento.

Quando isto acontece, então, a “leitura” das vidas dos místicos será algo equivalente a ler a revelação de Deus mesmo, o qual está “escrevendo” com seu Espírito no corpo e na vida do místico. São Paulo diz claramente isto em 2 Cor 3,3, quando afirma: “Sois uma carta de Cristo, confiada a nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os nossos corações.” O pensamento teológico, então, não se ocupa de Deus como objeto externo, mas é Deus em pessoa que se impõe e comunica ao pensamento humano nos “êxtases” de uma existência informada e inspirada pela fé.

Quando os místicos são mulheres, há algumas características mais originais que se impõem à vista em uma leitura de seu testemunho:

- uma maior integração da corporeidade. A mulher é um ser que integra necessária e automaticamente corpo e espírito, experiência e razão. Não se trata de dizer que o homem não o faz, mas este culturalmente, sobretudo no ocidente, foi acostumado e ensinado a separar mais as coisas umas das outras.

- uma maior urgência de ir às conseqüências práticas daquilo que é experimentado. Não tanto de especular sobre elas, elaborar teses, mas “praticar” diretamente aquilo que é experimentado.

- em se tratando das místicas cristãs, elas estabelecem uma relação imediata e prioritária com a humanidade de Deus em Jesus de Nazaré, seja através do colóquio amoroso, seja mesmo através de experiências de altíssima e muito concreta união, inclusive com repercussões corpóreas (cf. Santa Teresa de Ávila), seja em um voltar-se direto e imediato para aqueles em quem vêem o rosto do Deus experimentado na oração: os pobres e os sofredores.

² That could also be supported by **Evangelii Nuntiandi**, n. 4, where Pope Paul VI tells that today's man doesn't hear the masters anymore, but only the witnesses. And if he or she listens to the masters it is because they are also witnesses.



- a mística feminina é, portanto, necessária e inseparavelmente uma mística apaixonada, no sentido de enamorada e no sentido de padecer a paixão em seu corpo e sua vida.

- a experiência da beleza, estética, desempenha um papel importante como “mistagoga” da experiência mística. Isso acontece com muitos místicos, mas unanimemente com as mulheres. Contemplar a beleza para elas – sob qualquer de suas formas, literária ou artística – é sempre a ante-sala do que será sua experiência de Deus.

Os testemunhos das duas mulheres cujos testemunhos visitamos a seguir – Dorothy Day e Etty Hillesum – nos falam longamente sobre isto.

DOROTHY DAY: DA SENSIBILIDADE À SANTIDADE³

“O maior desafio de hoje é: como fazer acontecer a revolução do coração, uma revolução que tem que começar com cada um de nós”

Dorothy Day nasceu em Nova York em 1897. Passou a maior parte de sua infância em Chicago, onde foi aluna da Universidade de Illinois em Urbana Champaign durante dois anos antes de retornar a Nova York com sua família em 1916.

Ao se mudar para Nova York, Dorothy encontrou um trabalho como repórter do jornal *The Call*, o único jornal socialista da cidade. Depois disto trabalhou para a revista *The Masses*, que fazia oposição ao envolvimento dos EUA na guerra que acontecia na Europa e foi fechado em setembro de 1917. Em Novembro deste mesmo ano, Dorothy Day foi para a prisão pelo fato de ser uma das quarenta mulheres diante da Casa Branca a protestar contra a exclusão das mulheres do direito de votar.

Em Nova York, Dorothy levou uma vida muito agitada e boêmia. Teve um caso com um jornalista conquistador e mulherengo, Lionel Moise, engravidou e fez um aborto.

³ See about the life of Dorothy Day, by herself: DAY, D., *The long loneliness. The autobiography of Dorothy Day*. NY: Image Books, 1959; DAY, D. *House of hospitality*. NY/London: Sheed and Ward, 1939; DAY, D., *On pilgrimage: the sixties*. NY: Curtis Books, 1972; DAY, D., *The duty of delight. The diaries of Dorothy Day*,; R. Ellsberg (ed), Milwaukee, Marquette, 2008; DAY, D. *On pilgrimage*, Grand Rapids/Edinburgh, Eerdmans/T&T Clark, 1977; DAY, D. *By Little and by Little. The selected writings of Dorothy Day*. NY: Alfred A. Knopf, 1983; DAY, D. *From Union Square to Rome*. Silver Spring: Preservation of the faith press, 1940; DAY, D. *Loaves and fishes. The story of the catholic worker movement*. San Francisco: Harper and Row, 1963. Many other books on her have been written by many other authors.

Depois disso, Dorothy – ainda sob o trauma do acontecido – casou-se civilmente com um promotor literário, Barkeley Tobey. Com ele fez uma longa viagem para a Europa. Ao voltar, após um ano, consciente de que não o amava, deixou-o e foi para Chicago, atrás de uma retomada do falido romance com Lionel Moise por alguns meses mais.

É depois disso que encontra um amor mais maduro, com o qual realmente vive tempos de maior estabilidade emocional e afetiva. Chamava-se Forster Batterham e era botânico. Com ele contraiu uma nova união civil. Moraram em Staten Island, à beira do mar. Dorothy aprendeu com Forster o amor à natureza e teve uma filha. Sua conversão ao Catolicismo seguiu-se ao nascimento de sua filha. E seu próprio Batismo foi seguido pela ruptura da relação com seu parceiro, que não aceitava sua opção religiosa.

Logo após, encontrou Peter Maurin, o grande companheiro e parceiro de sua vida espiritual e trabalho apostólico. Nele, Dorothy Day encontrou um cristão e um reformador com quem experimentava comunhão de mente e de sentir. Em 1933 ambos deram início ao movimento *Catholic Worker*, que não apenas publicou um jornal influente, que rapidamente tinha distribuição de mais de mil exemplares, mas fundou uma quantidade de casas de acolhida para servir aos desabrigados. Dorothy Day era certamente uma revolucionária, mas consistente com sua desejada e louvada “revolução do coração”. Ela é certamente uma mística, mas uma mística fora do comum. Nos anos 60 foi apreciada e louvada pelos líderes da contracultura, como Abbie Hoffman, que a caracterizou como a primeira “hippie”, uma descrição que ela aprovou e da qual gostou. Ela escreveu apaixonadamente sobre os direitos da mulher nos anos 10, mas não estava de acordo com a revolução sexual dos anos 60, tendo observado como observou os efeitos devastadores da mesma nos anos 20.

Era alguém que conseguia combinar uma atitude progressista na defesa dos direitos humanos, sociais e econômicos com um sentido muito ortodoxo e tradicional da moralidade e da piedade católicas. No entanto, sua devoção e obediência a Igreja não eram cegas ou acríticas. Por exemplo, ela condenou publicamente o líder falangista espanhol Francisco Franco durante a Guerra Civil Espanhola, o que lhe valeu a oposição de muitos católicos norte-americanos, clérigos ou leigos. E ela teve que mudar o nome de seu jornal (*Catholic Worker*), “ostensivamente porque a palavra “católico” implica uma conexão eclesial oficial, quando este não era o caso” (COLES, 1987, p. 81). Suas principais lutas foram por justiça e paz. Por isso viveu e morreu. Sua peregrinação terrestre terminou em Maryhouse, em New York City, em 29 de novembro de 1980, onde ela morreu no meio dos pobres.



O que mais salta aos olhos no esforço de realizar uma leitura teológica da biografia de Dorothy Day e a enorme sensibilidade desta mulher, aparentemente não diferente de tantas outras. Trata-se de uma mulher que amou e foi amada, que sonhou com um lar, filhos. Que trabalhou e ganhou sua vida com esforço e labuta. No entanto, quando Dorothy Day fala de si mesma, este item da sensibilidade salta aos olhos do leitor a primeira vista. Trata-se alguém com todas as suas potencialidades abertas e vigilantes. Alguém que se deixa tocar e afetar no mais profundo de si mesma pelo mundo ao seu redor, pelas outras pessoas, e que, por conseguinte, vai ser um canal aberto para ser profundamente tocada com Deus, a quem entregara toda a sua vida a partir de certo momento.

SENSIBILIDADE CORPORAL

Dorothy Day foi sempre uma mulher muito feminina e consciente de seu próprio corpo. Durante sua juventude apaixonou-se mais de uma vez, gostava de estar com pessoas do outro sexo, gostava de carinho, de amar e ser amada. Agradava-lhe a proximidade da “carne” de outra pessoa, próxima a ela. Por isso mesmo, sua extrema sensibilidade corporal se sentiu tão diminuída e agredida com a primeira relação mais séria que teve, com Lionel Moïse e o conseqüente aborto da gravidez que teve que fazer a fim de conservar junto a si o parceiro.

O fracasso subsequente da relação e a marca indelével que o aborto deixou em sua corporeidade de mulher tão sensível foram determinantes em sua evolução humana e espiritual. Com Dorothy Day nesse episódio, podemos experimentar palpavelmente a afirmação de São Paulo que afirma que “onde abundou o pecado superabundou a graça” (Rm 5,20).

Sua relação amorosa com Forster Batterham a leva a viver um momento muito belo e positivo em sua vida. Havia entre os dois uma sintonia pouco comum em casais. Aquilo que definitivamente marcou o giro copernicano acontecido na vida de Dorothy Day no sentido de tornar-se a apóstola dos mais pobres e a defensora dos sem voz, paladina da paz e da justiça passa por essa sua extrema sensibilidade corpórea feminina. O que decididamente foi a experiência humana e corporal mais gratificante de sua vida foi a maternidade. Uma conseqüência do aborto feito anos antes de sua relação com Forster Batterham foi o fato de que Dorothy sentiu que o dano feito a seu útero pelo procedimento

cirúrgico ao qual se submeteu para a retirada do feto tornaria qualquer futura concepção impossível.

De sua união com Forster Batterham, Dorothy fica novamente grávida, e isto é considerado por ela nada menos que um milagre. O nascimento de sua filha Tamar Theresa foi a culminância de seu encontro com a felicidade, através da relação com Forster e ao mesmo tempo um definitivo chamado na direção de Deus como centro de sua vida: “Nenhuma criatura humana pode receber ou conter um aluvião tão forte de amor e alegria como eu freqüentemente senti após o nascimento de minha filha. Com isto veio a necessidade de louvar, de adorar” (COLES, 1987, p. 139).

O chamado de Deus prevaleceu sobre tudo mais e Dorothy não encontrou nada melhor para fazer com a imensa gratidão que lhe enchia o coração do que batizar sua filha na Igreja Católica. Tamar Theresa foi batizada antes da mãe. Dorothy não se batizou até o dia 28 de dezembro do mesmo ano do nascimento da filha, após uma dura e dolorosa ruptura definitiva da relação com Forster, devida indubitavelmente ao abismo religioso que se abrira, ainda mais profundo após o nascimento de Tamar Theresa, entre os dois. Sua decisão de batizar sua filha e de abraçar por sua vez a fé católica teve um enorme custo pessoal para Dorothy: o fim de sua união com o homem a quem amava e a perda de vários amigos e companheiros⁴.

A última e admirável carta que escreve a Forster Batterham, deixa fluir todo o seu amor e o clamor que seu corpo de mulher sente por este que foi seu definitivo e insubstituível companheiro: “O sexo não é nenhum tabu para mim, exceto fora do casamento. Eu sou tão livre e sem preconceito como sempre fui. Eu acho que o corpo humano é uma coisa linda, e as alegrias que um corpo saudável tem são alegrias perfeitamente legítimas. Não vejo nenhuma diferença imediata entre o gozo do sexo e o gozo ao escutar um concerto sinfônico; mas o sexo sendo uma parte tão importante da vida, já que produz filhos tem sido restrito, já que a sociedade e a Igreja entendem que assim é melhor para as crianças. Acredito que quebrar essas leis está deixando a carne ter uma vantagem sobre o espírito, portanto eu não quero quebrar essas leis. Santo Agostinho diz: "Se os corpos te agradam, louva a Deus a propósito deles." E eu não sinto nenhum pesar por todas as alegrias que tivemos no passado juntos... É porque eu te amo tanto que

⁴ Cf. As cartas de amor que ela continua a escrever para Forster após estar dele separada, in D. DAY, (edited by R. Ellsberg) **All the way to heaven. The selected letters of Dorothy Day**. Milwaukee: Marquette University Press, 2010.



eu quero que você se case comigo. Eu quero estar em teus braços todas as noites, como eu costumava estar, e estar sempre com você. Eu sempre te amei mais do que você a mim. ... Agora que estou ficando mais velha eu já não posso ceder sempre a você apenas porque a carne tem tal poder sobre mim...”

Ser portadora de um corpo feminino, habitado por desejos, habituado a estremecer de prazer sob o efeito das carícias do homem amado; um corpo que gerou, deu a luz e nutriu a filha bem amada que será a luz de sua vida dali em diante; um corpo que agora devia enfrentar a solidão e o peso de lutar como leiga e mãe solteira em uma sociedade discriminatória para com a mulher e uma Igreja ainda muito marcada com o machismo selarão o destino de Dorothy dali em diante. No entanto, será este mesmo corpo que vibrará de compaixão e solidariedade para com todos os homens e mulheres pobres e infelizes que cruzarão seu caminho e a fará experimentar como suas as dores do mundo e da humanidade.

Através da experiência concreta da maternidade Dorothy deixará fluir todo o potencial amoroso que a habita em direção a todos aqueles e aquelas que cruzarem seu caminho vergados ao peso da pobreza e da necessidade. Também abraçará apaixonadamente causas como o pacifismo e a não violência que a farão sentir-se responsável pelo cuidado maternal da humanidade sofredora, a ela dada por Deus que lhe exigiu o supremo sacrifício de seu amor, mas lhe devolveu cento por um como no Evangelho (Mc 10,28-31).

A raiz do comentário de um padre que a criticava por falar de personalismo e comunidade sem ser casada, ela retruca para si mesma: “Mas eu sou uma mulher de família. Eu tive um marido e uma vida de casal – eu tenho uma filha... Como consinto que qualquer pessoa jogue em minha cara a idéia de que sou uma pessoa solteira? Eu sou mãe, mãe de uma enorme família. Ser mãe é plenitude, é entrega aos outros, é Amor e por isso evidentemente é sofrimento (DAY, 1959, p. 236).

Não impede que a renúncia ao homem amado tenha sido sempre difícil, de uma dificuldade dificilmente superada. Ela mesma dirá, já nos anos maduros de sua vida: “uma mulher não se sente completa sem um homem. E para uma mulher que conheceu as alegrias do casamento, sim, isso foi duro. Passaram-se anos antes que eu pudesse acordar sem essa carência de um rosto contra meu seio, um braço ao redor de meu ombro. O sentido de perda estava ali. Foi o preço que eu paguei. Eu era Abraão que sacrificara Isaac. E ainda eu tinha Isaac, eu tinha Tamar” (DAY, 1959, p. 236).

SENSIBILIDADE ESTÉTICA

Nos anos jovens vividos em sua cidade, Chicago, Dorothy Day já possuía traços contemplativos em sua personalidade. Por exemplo, como um de seus biógrafos, Jim Forest observou, “ela tem o dom de encontrar beleza em meio à desolação urbana. Ruas monótonas eram transformadas por odores pungentes: plantações de gerânio e de tomate, alho, azeite de oliva, torrefação de café, pão e bolos nos fornos das padarias.” ‘Aqui’, ela dizia, ‘existia beleza suficiente para me satisfazer’” (FLOREST, 1994).

Dorothy Day também foi, desde sua mais tenra infância apaixonada por esta forma de arte vital que é a literatura. As leituras realizadas em sua infância e juventude influenciaram muitíssimo o que foi sua vida depois da conversão. Leitora apaixonada de grandes autores europeus, como os russos Fiodor Dostoiévsky e Leon Tolstói, os franceses Georges Bernanos, François Mauriac, e mesmo o não tão conhecido Huysmans, o inglês Charles Dickens, os americanos Upton Sinclair e Jack London, entre outros, foram formando sua imaginação e sua rica sensibilidade estética.

O fato de ser alguém que não podia viver sem escrever – esta sendo talvez a melhor definição do que seja um escritor – Dorothy foi assimilando sempre mais profundamente essas leituras que tanto a marcaram ao longo da vida e que a ajudaram a configurar o que seria sua mística e sua particular teologia, qual seja, sua leitura do mundo através do Evangelho. A maneira que tinha de cotejar inclusive as leituras literárias com as bíblicas⁵ ou com os relatos de grandes místicos e místicas⁶ mostram uma sensibilidade refinada para a criação literária que vai inclusive ser pedagógica na maneira como ela vai mergulhando cada vez mais radicalmente em sua opção de amor e serviço aos pobres (BRADY, 2005).

A influência dos autores russos, sobretudo Dostoiévsky, foram moldando seu imaginário, assim como a atração particular que sentia pela visão não institucional do Cristianismo de Leon Tolstói também foi em parte responsável por sua liberdade diante da instituição eclesiástica, em rara harmonia com a fidelidade a esta (BRADY, 2005, p. 165). Outros escritos, como os de Kropotkin, Upton Sinclair e Jack London estimularam e deram suporte a sua empatia pelos pobres⁷.

⁵ Cf. em *The Long Loneliness*, as narrativas da prisão.

⁶ Leitora de Santa Teresa de Ávila e de Santa Teresinha de Lisieux, de São João da Cruz e de Simone Weil. Cf. *All is Grace*, op cit., além de numerosos artigos.

⁷ Ver também, J. BRADY, artigo citado, sobre o mesmo tema, inclusive afirmando que para uma formação para uma verdadeira opção pelos pobres, seguindo o exemplo de Dorothy Day, se deveria usar textos literários.



Sob a orientação de Peter Maurin Dorothy fez novas leituras, onde o pensamento social da Igreja era presença obrigatória. Tomás de Aquino, Jacques Maritain, Hilaire Belloc, G. K. Chesterton, Eric Gill, Vincent McNabb, entre outros, tornaram-se para ela leituras costumeiras. Cativada primeiramente pela visão de Maurin e depois fazendo sua própria síntese cognitiva, Dorothy Day vai poder então dar forma definitiva a sua vocação, no centro da qual estão seus dois grandes amores: Deus e os pobres.

SENSIBILIDADE SOCIAL

Dorothy Day sempre teve sua sensibilidade profundamente tocada pela situação de injustiça econômica e social que percebia ao seu redor. Essa ferida em sua sensibilidade a levará a uma resposta que não será apenas racional ou intelectual, como a de tantos outros pensadores de sua época. Mas se traduzira, sim, por uma proximidade amorosa e mesmo apaixonada por aqueles e aquelas que são afetados por esse estado de coisas, e com quem Dorothy se identificara de forma crescente, na medida em que caminha sob o olhar de Deus.

Com apenas 15 anos de idade, ela olhava o mundo com olhos muito abertos e um coração vulnerável que muitos de nós poderíamos invejar. Ponderando e refletindo sobre as vidas das pessoas que viviam nos bairros oprimidos de Chicago por onde caminhava, que eram vitimados pela injustiça e a pobreza, embora ricos em tantas diferentes outras maneiras, ela tinha um sentido vivido de quem ela se tornaria, uma espécie de premonição de sua própria vocação, a qual ela entendia como inseparável da vida dos preferidos de Deus, os pobres. “A partir daquele momento minha vida teria que estar ligada a deles, seus interesses teriam que ser os meus: eu tinha recebido um chamado, uma vocação, uma direção na vida” (DAY, 1959, p. 37).

Este sentimento de identificação, esta sensibilidade e esse desejo de uma proximidade amorosa com os pobres vai crescer na medida em que crescem sua mística e sua vocação cristãs. Ela dirá, já jovem adulta, em sua primeira experiência na prisão:

Quando eu escrevi pela primeira vez estas experiências, eu escrevi ainda mais fortemente sobre minha identificação com os que estavam a minha volta. Eu era aquela mãe cuja filha havia sido estuprada e assassinada. Eu era a mãe que deu a luz o monstro que havia feito aquilo. Eu era mesmo aquele monstro, sentindo em meu próprio seio cada abominação (DAY, 1959, p. 78).

Tudo isto diz muito sobre o sentido de pertença que é um dos selos identificadores de sua mística: sentir-se a vontade em meio aos últimos da terra, sentir que onde estiverem os pobres, ali era seu lugar, ali ela deveria estar, ali era o lugar onde teria que estar e permanecer.

A sensibilidade social de Dorothy Day tem traços extremamente atuais que dizem muito sobre seu nível de consciência, a frente de seu tempo. Sem jamais apresentar uma tendência assistencialista ou alienante em seu amor pelos pobres, para ela sempre e muito claro que há que estar junto aos pobres, com eles, mas lutando incessantemente contra a pobreza. Para ela nunca foi claro que a caridade fosse suficiente. Não era o bastante assistir as vítimas da injustiça social; era necessário, além disso, e inseparavelmente, era trabalhar para atingir e destruir as causas das desordens sociais.

Essa reflexão lhe vinha constantemente, contemplando a situação de miséria e mesmo os recursos postos pelo estado e pela Igreja para remediá-los. Por exemplo, ela constata que havia creches a disposição das mães trabalhadoras onde essas podiam deixar seus filhos. “Mas por que – ela perguntava – os pais não ganhavam dinheiro suficiente para cuidar sozinhos do sustento de suas famílias, de maneira que as mães não necessitassem trabalhar?” (DAY, 1959, p. 70).

A partir de questões concretas como essa sua sensibilidade se sente muito tocada, aguçada e questionada. E a resposta que lhe é inspirada é nitidamente uma resposta evangélica e não puramente intelectual ou materialista. “Onde – ela se pergunta – estarão os santos a fim de transformar a ordem social, não apenas para serem ministros religiosos para os escravos, mas para acabar com a escravidão?” (DAY, 1959, p. 70).

Questões como a justiça e a transformação das estruturas sociais, consideradas pela Igreja dos seus jovens anos como alheias a busca de uma salvação individual pelo crescimento espiritual, separado da responsabilidade pela organização do mundo a habitam desde sempre. Não basta lutar contra os efeitos da pobreza. Esta é um mal e deve ser extirpado. Para isso há que transformar a sociedade pela raiz. Essas reflexões mostram que Dorothy Day, na vivência de sua mística, recebe de Deus inspiração e conhecimento que a colocam mais a frente das mais avançadas reflexões dos católicos de seu tempo.

Essas reflexões que se multiplicam através de todos os seus escritos a mostram como uma pioneira de movimentos que emergiriam apenas posteriormente na Igreja. A consciência do pecado social e da necessidade de soluções estruturais em vez de simplesmente paliativas e fragmentadas está muito presente, por exemplo, na Teologia da



Libertação que explodiu com grande força na Igreja latino-americana nos anos 70. Para além da crítica aguda, com claros elementos marxistas, Dorothy Day sempre teve, como se pode constatar, um sentido profundo da graça de Deus e da gratuidade de seu amor como origem de todo bem que os seres humanos são capazes de praticar neste mundo.

Sua sensibilidade social era também e inseparavelmente, uma imensa sensibilidade espiritual.

SENSIBILIDADE ESPIRITUAL

Mesmo antes de sua conversão e seu Batismo na Igreja Católica, não se pode dizer que Dorothy Day não tivesse uma profunda sensibilidade espiritual. Chegam a ser comoventes seus relatos de como sente o impulso interior de louvar a Deus, afirmando que o louvor é o ato mais profundo e belo que um ser humano pode realizar (DAY, 1959, p. 36).

Dorothy Day desejava realmente fazer acontecer uma revolução do coração. Mais: acreditava que a única verdadeira revolução nasceria de um coração convertido e tocado pela graça divina. Essa foi sua experiência e essa era a única experiência que ela acreditava válida para transmitir aos que dela se aproximavam.

No *Catholic Worker*, Dorothy Day viveu uma vida de fidelidade à revelação consignada na Escritura, praticando voluntária e radical pobreza⁸, dedicada as obras de misericórdia e à luta pela justiça e a paz. Muitas das posições que abraçou, com o risco da própria integridade física e da própria vida, foram proféticas e revolucionárias, mas sempre emanadas do coração do Evangelho e do exemplo dos santos, tais como São Francisco de Assis e Santa Terezinha de Lisieux⁹. Militante, ativista, mas sempre encontrando sua fonte no Evangelho de Jesus, essa foi a longa vida de Dorothy Day.

Sua ação era entendida por ela como o fruto da ação de Deus no seu interior. Eis a razão de por que, em seus anos de maturidade, fez muitos retiros e recalcou sempre a enorme importância da oração diária e da vida sacramental para um crescimento consistente da vida cristã. Apaixonada pelo projeto do Reino de Deus anunciado e proposto por Jesus de Nazaré, Dorothy Day foi consciente desde o início de sua conversão,

⁸ Vestia-se com as roupas doadas para os pobres aos quais atendia, às vezes pertencentes a indigentes enfermos que morriam em hospitais públicos. Cf. o comentário que ela mesma faz sobre o cheiro que permanece em tais vestimentas em *All is Grace*, *op. cit.*, p 103.

⁹ Sobre a identidade entre Dorothy Day e Teresa de Lisieux, cf. P. CASARELLA. **Sisters in doing the truth: Dorothy Day and St. Therese de Lisieux**, *Communio* 24 (1997) p. 468-498.

de forma crescente e sempre mais profunda a viver essa justiça e essa paz primeiramente dentro de seu coração para só então tentar comunicá-la aos outros. Pode-se dizer que ela foi alguém que viveu e praticou radicalmente aquilo que o Papa Paulo VI expressa de maneira tão forte em 1974 em sua encíclica *Populorum Progressio*: a justiça e a paz caminham de mãos dadas (PP, n. 32).

Em seu livro “From Union Square to Rome”¹⁰, dirigido a seus irmãos e irmãs comunistas de credo e de práxis, da qual depois se separou em razão de sua conversão, mas dos quais sempre se sentiu muito próxima, ela escreve belas palavras. E surpreende sua coragem, ao defender a primazia do espiritual sobre o material: “Eu sentia esse desespero enquanto eu estava ali, na prisão, por quinze dias, contemplando a fundamental miséria da existência humana, uma miséria que permaneceria mesmo se a justiça social fosse alcançada e um estado de utopia prevalecesse. Pois não se pode caminhar pelo chão de uma cela com grades, ou deitar suas costas em um catre duro olhando um vislumbre de luz do sol viajar devagar, oh, tão devagar, através da cela, sem realizar e cair na conta de que até que o coração e a alma da humanidade sejam transformados, não há esperança de felicidade para nós”¹¹.

ETTY HILLESUM: A *SHOA* TRANSFIGURADA¹²

Que história estranha a minha história: a garota que não sabia ajoelhar-se. Ou sua variação: a garota que aprendeu a rezar. Deveríamos desejar agir como um bálsamo para todas as feridas.

Quando narramos a surpreendente biografia de Etty Hillesum, há que tomar cuidado diante das inclinações existentes a assemelhá-la a Edith Stein ou a vê-la como uma Anne Frank adulta. E dever-se-ia tomar precaução contra a tendência à apropriação cristã da pessoa e da vida de Etty¹³. Não importa o que a pesquisa sobre ela tenha descoberto sobre quão aberta ela possa ter sido com relação à verdade, fosse qual fosse sua

¹⁰ From Union Square to Rome, Silver Spring, Preservation of the faith press, 1940.

¹¹ Dorothy Day, From Union Square to Rome, DAY, D., From Union Square to Rome, Silver Spring, Preservation of the faith press, 1940, p. 156.

¹²Cf HILLESUM, Etty. **Etty Une vie bouleversée**. Suivi de Lettres de Westerbork. Paris : Seuil, 1995, versão que usaremos aqui (in English :HILLESUM, E., 1914-1943. **Etty : the letters and diaries of Etty Hillesum 1941-1943**/ edited by Klaas A.D. Smelik; translated by Arnold J. Pomerans, Grand Rapids/Ottawa, Eerdmans/Novalis/St. Paul University, 2002.

¹³ Ela certamente não é uma mística cristã, mas seguramente podemos afirmar que é uma mística. Na verdade, religiosamente, é difícil identificar Etty Hillesum em termos de pertença religiosa. Não se trata de uma judia praticante. Tem porém, um grande sentido de pertença ao povo judeu, como sua vida mesma vai demonstrar. Por outro lado, sua mística se desenvolve em um clima de inteira e absoluta liberdade diante de um Deus que a seduz, a conquista e a toma por inteiro.



procedência e onde quer que possa ser encontrada, Etty Hillesum viveu e morreu como judia. Não aconteceu em sua vida nada parecido a uma conversão religiosa em direção ao cristianismo. Não há indícios de formas convencionais de louvor ou métodos de oração em sua biografia. Ela era uma judia que encontrou a Deus de uma maneira profunda e a partir dali escolheu seu próprio caminho (DOWNEY, 1988). Porém, inegavelmente, entre suas leituras estava com grande frequência o Novo Testamento, o Evangelho e Santo Agostinho.

Como tantos outros judeus europeus do primeiro quartel do século XX, Etty nasceu em um país marcado pela cultura cristã. Esther Hillesum nasceu no dia 15 de janeiro de 1914 em Midelburg, Holanda, onde seu pai, Dr. Louis Hillesum, ensinava línguas clássicas. Sua mãe, nascida Rebecca Bernstein, era uma judia russa. Em 1924, a família mudou-se para Deventer, onde o Dr. Hillesum assumiu o lugar de diretor do Ginásio Municipal. Esther, ou Etty, era a mais velha de três filhos.

Etty deixou a escola de seu pai em 1932. Obteve seu primeiro grau universitário em Direito, na Universidade de Amsterdam e a partir daí matriculou-se na faculdade de línguas eslavas. Posteriormente interessou-se e entrou de cheio no estudo da psicologia. Por esse tempo, a Segunda Guerra Mundial havia começado.

Ao ir para Amsterdam fazer seus estudos universitários, Etty vivia em casa de Han Wegerif, um viúvo de 62 anos de idade, com o qual desenvolveu uma relação íntima¹⁴, e a quem ela se refere como Papai Han e de quem em um momento ficara grávida, uma gravidez que mais tarde abortará.

Muito mais importante, porém, que Han Wegerif é seu encontro com Julius Spier, o “S” dos diários e “guru” do grupo que se reunia em torno a ele para conversar, tocar música, discutir literatura e apoiar-se mutuamente nos difíceis tempos da guerra¹⁵. Spier estudou com Jung e é conhecido como havendo sido o fundador da psicoquirologia – o estudo e classificação das impressões palmares das mãos. Era pai de dois filhos, divorciado de sua esposa gentia. Possuía uma personalidade altamente carismática, quase mágica. Lia as palmas das mãos e interpretava os resultados com extraordinário “charme” e clareza, provocando um incrível fascínio sobre as mulheres que formavam sua “entourage”. Etty se

¹⁴ Cf. pequena nota biográfica sobre Han Wegerif, in **Etty Une vie bouleversée**. *Suivi de Lettres de Westerbork*, op. cit., p. 946 n. 41.

¹⁵ Detalhes biográficos sobre Julius Spier em numerosas notas feitas pelo editor de E., *Une vie bouleversée*, *suiivi de Lettres de Westerbork*, op. cit., p.943, n 33 e 35; 944 n 36; 945 n 36; 951 n 61(sobre sua primeira mulher, da qual estava divorciado).

sentiu absolutamente seduzida por aquele homem e se tornou sua assistente, parceira intelectual e amante.

Seu amor apaixonado por “S” – que era um homem de fé – ajudou-a a desenvolver uma enorme sensibilidade religiosa que deu a seus escritos um caráter espiritual e mesmo místico, onipresente. Foi “S” que lhe ensinou a pronunciar o nome de Deus sem constrangimento e foi também ele que a convidou a empreender a jornada até o fundo mais profundo da intimidade e da solicitude humana dentro das quais a presença de Deus é despertada e aflora à consciência. Etty caminhou em direção a uma conversação sempre mais consistente e intensa com esse Deus descoberto em meio à vivência de um grande amor humano. E ao entregar-se mais freqüente e profundamente à oração, começou a sentir-se agraciada com experiências muito fortes.

Tudo foi interrompido, no entanto, quando a perseguição aos judeus chegou ao auge e ela assumiu um cargo de datilógrafa para o Conselho Judaico, que devia fazer a mediação entre os Nazistas e os Judeus. Estabelecido pelos nazistas, o Conselho foi formado com a ilusão por parte dos judeus perseguidos de que, por essa mediação e negociação, haveria a possibilidade de poupar alguns judeus do pior dos destinos. No entanto, logo se tornou uma arma na mão dos nazistas.

Após somente duas semanas no Conselho, Etty decidiu voluntariamente ir para o campo de Westerbork, como assistente social: uma interrupção de sua vida que escolheu livremente, mesmo tendo a oportunidade de escapar, se assim o quisesse. Seus diários indicam que estava convencida de ser fiel a si mesma somente se não abandonasse os que se encontravam em perigo – seu povo que sofria – e se usasse sua energia para trazer vida às vidas dos outros; ser um bálsamo para suas feridas. O futuro bem próximo mostraria que ela não seria eximida da sorte deste povo ao qual pertencia.

Chegou a Westerbork justamente no momento no qual as deportações para Auschwitz estavam começando. Para mais de cem mil judeus, Westerbork era a última parada antes de Auschwitz-Bierkenau, o temível campo de extermínio situado na Polônia. Entre agosto de 1942 e setembro de 1943 Etty Hillesum – então com 28 anos – empregou seu tempo mantendo seu diário, escrevendo cartas e cuidando dos doentes no hospital do campo. Durante este período, viajou com permissão oficial para Amsterdam aproximadamente umas doze vezes, levando cartas, assegurando o fornecimento de medicação, e trazendo mensagens. Porém, a maior parte do tempo em que permaneceu na cidade, foi obrigada a ficar acamada, por estar doente e sofrendo vários desconfortos. Sua saúde sempre frágil ressentia-se visivelmente do regime de restrição alimentar, proibição



de usar transportes e obrigação de fazer longas caminhadas a pé que a situação lhe exigia. A última parte de seu diário foi escrita em Amsterdam após seu primeiro mês em Westerbork, e narra a intempestiva doença e morte de Julius Spier. Etty o acompanha em seus últimos momentos, juntamente com a amiga Tide. O golpe da morte do homem amado é vivido por ela com serenidade e como parte das dores daquele momento. Ela voltou para Westerbork após isso, mas retornou a Amsterdam novamente para ser hospitalizada. Finalmente, em começos de junho de 1943, deixou Amsterdam, indo para Westerbork pela última vez. Dali seu destino foi Auschwitz e a câmara de gás.

A “mística selvagem” e dificilmente definível de Etty Hillesum tem alguns pontos extremamente notáveis que merecem ser destacados e comentados:

A integração entre Eros e ágape: Etty era uma jovem, bela e muito sensual mulher. Alguém muito consciente de seu corpo e de suas fomes e sedes sexuais. Muito feminina, era ao mesmo tempo extremamente independente e livre em suas escolhas. As relações, múltiplas e variadas, com pessoas do outro sexo nas quais entrava, Etty as vivia em profundidade, mesmo quando resultavam em conflitos contínuos, como foi o caso com o homem mais velho, viúvo, que era Han Wegerif. Ou quando resultavam em uma superabundância de intensidade e paixão, como foi o caso com Julius Spier.

Com relação a Spier, pode-se ver pelos Diários que Etty experimentou toda a gama de sentimentos que remove interiormente uma mulher apaixonada que não pode ter segurança a respeito do homem a quem ama. Os contatos amorosos com Spier não eram exclusivamente prodigalizados a ela, por parte do encantador psicólogo que tinha várias mulheres cativas a seus pés. Muitas se encantavam com aquele homem mais velho, de olhos claros, mãos carinhosas e boca sensual¹⁶. Além disso, Spier pretendia casar-se com Hertha Levi, judia alemã como ele, que havia conseguido emigrar para Londres e lá vivia, escrevendo-lhe freqüentemente. Ele lhe havia prometido um dia casar-se com ela e guardava em relação a ela uma atitude que entendia como fidelidade, apesar de seus muitos casos com outras mulheres. Etty sentia profundos ciúmes dessa mulher que era noiva de seu amante e respectivamente a chamava sua “amiga” (*Freundin* em alemão)¹⁷.

¹⁶ Cf. os inúmeros comentários quase obsessivos que Etty faz em seu Diário sobre a boca de Spier. Vê-se que exercia sobre ela uma ardente atração. Cf. o comentário que sobre isso faz DUTTER, Cecília. **Etty Hillesum, une voix dans la nuit**, Paris: Robert Laffont, 2010.

¹⁷ Sobre Hertha Levi, cf. nota do editor de E., **Une vie bouleversée**. Suivi de Lettres de Westerbork, op. cit., p 951, n. 61.

Mas isto não significa que esta enorme e intensa capacidade de amar haja permanecido apenas ao nível erótico. A libido algo descontrolada e possessiva de seus jovens anos não era senão a imensa fortaleza de um desejo inextinguível, um chamado da vida ao dom de si mesma¹⁸. Como toda mulher da sua idade, Etty sonha em partilhar a vida com um companheiro que a apóie e a ame e com quem possa construir um futuro e partilhar sonhos e projetos: “sinto que sou de fato uma moça completamente séria, que não brinca com o amor. O que desejo é um só homem por toda uma vida, e construir alguma coisa juntos” (HILLESUM, 1995, p. 72). No entanto, esse desejo de partilhar todo esse amor do qual se sente repleta, ela o realizará, mas não exatamente através do casamento e da maternidade.

Pode-se observar, através da leitura de seus diários, como esta mulher judia jovem, inteligente, bonita e brilhante foi capaz de fazer a passagem dos prazeres imediatos da vida aos maiores sacrifícios por causa do amor e da solidariedade que sentia para com seu povo. E isto efetivar com alegria, gratidão e uma profunda e espiritual consciência, sem o menor laivo de amargura, capaz de ver beleza na desolação mortal do campo de concentração, indo para Auschwitz cantando com sua família e apreciando em meio ao horror da “solução final” da qual era vítima os elementos belos da natureza, a água que corre, o aroma das flores. E sentir-se rica e agraciada, mesmo sendo obrigada a enfrentar e suportar uma morte certa e injusta.

Spier foi sem dúvida alguma a pessoa que serviu de catalisador desta radical libertação espiritual em meio às dolorosíssimas restrições e revoltante confinamento que Etty devia viver. A profundidade afetiva de Etty foi despertada e explorada pela relação com “S”. Ele era ao mesmo tempo seu amante e mistagogo, já que a abriu à relação com Deus que acabará no final tornando-se seu único interlocutor. Através dele ela chegou a ver como o sofrimento, quando aceito, não diminui, mas fortalece a vida qualitativamente. O amor entre os dois era ao mesmo tempo erótico e contemplativo. Spier a orientou na busca por aquilo que é essencial, acrescida pela urgência trazida por sua consciência do cruel destino que estava reservado aos judeus. Foi ele que lhe ensinou a falar de Deus sem vergonha, e a falar com Deus sem interrupção. Assim, pode-se observar no processo narrado por Etty em seu diário e cartas que, enquanto a exterioridade em torno de si se estreitava (restrições, racionamentos, prisões, deportações, sofrimentos de todo tipo) sua

¹⁸ DUCROCQ, A. Etty Hillesum, une vie bouleversante, in <http://www.cles.com/itineraires/article/etty-hillesum-une-vie> acessado em 4 de março de 2011. A autora termina sua frase dizendo a respeito dos últimos momentos de Etty; “ Etty pode agora deixar-se tocar por tudo”.



interioridade vai se alargando e ampliando até o infinito (pela oração, a disciplina, o autoconhecimento e o amor cada vez maior pelos outros e por Deus).

Foi ainda Spier que assinalou a Etty o território onde a batalha real da vida toma lugar. Diante da certeza de que o que os nazistas desejavam era a total destruição dos judeus, Etty viu que os demônios que habitam o interior das pessoas eram forças reais com as quais é preciso lutar. Spier mesmo não desceu ao mais profundo deste incêndio mortal. Adoeceu e morreu antes de poder ser deportado. No momento de sua morte, a mística de Etty havia já tomado forma plena. Emergiu não negando a realidade e os fatos históricos, mas entrando nos altos e baixos da realidade e transformando a ambos.

Parece-nos que o ponto álgido da caminhada espiritual de Etty Hillesum se dá no dia 30 de abril de 1942 quando ela toma a decisão de casar-se com Spier a fim de, se ele for deportado, poder acompanhá-lo (HILLESUM, 1995). É quando ela diz a si mesma, ao advogado que consulta sobre a possibilidade concreta de seu gesto e que a adverte sobre os riscos de tal empresa, e ao diário: “Sim, eu sei, a gente se encontra simplesmente com um destino em lugar de uma vida” (HILLESUM, 1995, p. 504). Nestas páginas que fecham o caderno VI de seu diário, Etty faz profundas reflexões sobre seu processo de crescimento durante aquele ano em que conheceu mais profundamente e conviveu com Spier. Ela se sente madura para assumir um destino, e tudo o que isso significa: sair do lugar seguro da proteção do velho Han e assumir uma vida desenraizada, cortada tanto de um passado quanto de um futuro.

Com palavras muito femininas, Etty compara esse processo e seu termo com uma gravidez: “Algo em mim veio a termo, estava ali e eu não tinha outra coisa a fazer senão agarrá-lo. De repente, eu soube que ia ligar minha vida à sua, em um casamento platônico para poder estar perto dele. E depois eu o entregarei são e salvo à “Freundin” (HILLESUM, 1995, p. 505). Etty deseja a radicalidade da comunhão nascida do amor. E essa comunhão implica um partilhar a angústia e a dor do homem que amava sacrificando sua felicidade pessoal e seu futuro.

Aquilo que é o desejo de não estar separada do homem que ama e dar sua vida por ele não se realizará. Spier morrerá antes que Etty possa acompanhá-lo na fuga que o libertaria. O destino para o qual Deus amadurecera o coração de carne de Etty Hillesum, no entanto, era maior do que Spier e, através dele, chegava a todo o seu povo. Etty viveu a morte de Spier com aceitação. A morte foi para Etty o grande mistério da vida, a ser vislumbrado antecipadamente, recebido, reverenciado (HILLESUM, 1995). Ela escreve que

a eventualidade da morte está integrada a sua vida. E prossegue, cheia de dignidade: “olhar a morte de frente e aceitar essa morte, este aniquilamento, toda forma de aniquilamento, como parte integrante da vida, e dilatar esta vida. Ao invés, sacrificar desde agora à morte um pedaço desta vida, por medo da morte e recusa em aceitá-la é o melhor meio para o maior número de pessoas, porque temos medo e que não aceitamos, de guardar apenas um pequeno pedacinho de vida mutilado, que quase nem merece o nome de vida. Isso pode parecer paradoxal: excluindo a morte de sua vida, a gente se priva de uma vida completa, e acolhendo-o, a gente dilata e enriquece sua própria vida” (HILLESUM, 1995, p. 646).

O destino para o qual Etty se sente amadurecida vai posteriormente ser por ela compreendido como “um destino de massa” (HILLESUM, 1995, p. 673). Foi o destino de seu povo, com o qual ela comungará sem reservas, vendo claro que não havia mais lugar para pensar na própria individualidade quando todo um povo – seu povo – era massacrado:

...eliminar todas as futilidades pessoais. Cada um quer ainda tentar se salvar, sabendo muito bem que se não parte, é outro que o substituirá. Será que é importante que seja eu ou outro, tal ou tal outro? Tornou-se um destino de massa e devemos saber disso... Dia muito duro. Mas eu me reencontro sempre na oração. E rezar eu poderei sempre fazê-lo, mesmo no lugar mais exíguo. E o pequeno fragmento do destino de massa que eu carrego, eu o fixo sobre minhas costas como uma mochila com nós sempre mais fortes e sempre mais apertados, eu faço corpo com ele e o carrego já pelas ruas (HILLESUM, 1995, p. 673).

O amor de Etty está transfigurado em pura ágape, oblação gratuita e generosa. E será esse amor que ela derramará sobre os deportados de Westerbork e Auschwitz até sua morte.

Uma alma milenar e uma longa herança espiritual: Etty sentia que enquanto caminhava para um destino duro e doloroso, sua vida interior florescia e crescia como nunca havia sonhado que pudesse acontecer. A partir do momento que passou a ter uma vida interior e espiritual intensa e a observar os movimentos que lhe iam na alma e a sobre eles refletir, percebe a riqueza que existe em sua alma. A 10 de outubro de 1942 escreveu que a alma tem uma idade diferente daquela registrada e inscrita no cartório de nascimentos e mortes: “Pode-se... nascer com uma alma de mil anos de idade”. O próprio Spier lhe dirá, quando falavam da diferença de idade entre os dois (28 e 55 anos): “Mas quem me diz que sua alma não é mais velha que a minha?” (HILLESUM, 1995, p. 758).

Além disso, ela também se sentia como pertencendo a uma longa tradição espiritual. Tinha em si o sentimento de ser uma das numerosas herdeiras de um grande patrimônio espiritual e prometia a Deus e a si mesma “ser a fiel guardiã disso”. E também partilhá-lo



“na medida em que for capaz” (HILLESUM, 1995, p. 722). No dia 4 de julho de 1942, escreve:

Em minhas ações e minhas sensações cotidianas mais ínfimas se desliza uma suspeita de eternidade. Não sou a única a estar cansada, doente, triste ou angustiada, estou unida com milhões de outros através dos séculos, tudo isto e a vida; e portanto a vida é bela e cheia de sentido” (HILLESUM, 1995, p. 649)¹⁹.

A dicotomia “mundo interior/mundo exterior” parece totalmente estranha e longínqua para esta mulher que conhece a realidade que vive e sobretudo a que a espera e que a toma sobre si com amor e plena alegria. “Sim, carregamos tudo dentro de nós, Deus e o Céu, e o Inferno e a Terra e a Vida e a Morte e a totalidade da história” (HILLESUM, 1995, p. 462).

Sua experiência de Deus é completamente livre, sendo difícil identificá-la institucional ou “tradicionalmente”. Na verdade a tradição da qual Etty é herdeira é a tradição mística que pertence a toda a humanidade desde que se auto-descobre finita mas habitada pelo Infinito. São impressionantes suas palavras com as quais vai descrevendo o sentimento da presença de Deus que nela vive. Como por exemplo, no dia 16 de setembro de 1942: “Às vezes inopinadamente, alguém se ajoelha repentinamente em um canto de meu ser. Eu posso estar passeando na rua ou encontrar-me no meio de uma conversa com uma pessoa. E este alguém que se ajoelha é meu “eu mesma” (HILLESUM, 1995, p. 717).

Um coração pensante e um bálsamo para feridas: Em seus diários se vê primeiramente o itinerário de uma jovem judia apaixonada por alguém que a ajuda e lhe permite pôr-se de pé sobre seus dois pés, e falar o nome de Deus sem constrangimento. Este falar se desenvolve no interior de um diálogo ininterrupto que cresce para tornar-se mais apaixonado e envolvente na vida de Etty Hillesum, que se tornou “o coração pensante destas barracas... o coração pensante de todo o campo de concentração” (HILLESUM, 1995, p. 714).

A alma de Etty Hillesum, antiga de mais de mil anos e herdeira de uma longa e preciosa tradição espiritual, encontrou sua mais alta expressão em Westerbork. Ela se entregou sem reservas ao serviço de seu povo. E apesar disso, seu desejo cresce incessantemente com termos que nos fazem recordar santas canonizadas como Santa

¹⁹ Cf., também, G. Remy, *Etty Hillesum et Saint Augustin : l' influence d' un maitre spirituel ?*, *Recherches de science religieuse* 95/2 (2007), p. 253-278. Ver tb. Alessandra Pleshoyano, *L' héritage spirituel d' Etty Hillesum : «Je me sens comme une des nombreuses héritières d' un grand legs spirituel »*, *Studies in Religion/Sciences Religieuses* 37/1 (2008) p. 63-79.

Teresinha do Menino Jesus. Não lhe basta apenas Westerbork. Westerbork é um microcosmo a partir do qual seu coração compassivo e seu desejo de doação atingem os limites do universo.

A 2 de outubro de 1942 Etty escreve:

Gostaria de estar em todos os campos através da Europa, gostaria de estar em todos os “fronts”, não desejo estar em segurança como se diz, quero ser com tudo isto, quer ser, em cada lugar, uma pequena parcela de fraternização com aqueles que chamamos inimigos. Quero compreender tudo que acontece, gostaria que todos aqueles que eu possa atingir – e eu sei que são numerosos – mas dá-me saúde, oh Deus – compreendam os eventos do mundo à minha maneira (HILLESUM, 1995, p. 748).

E continua, citando São Paulo, em 1 Cor 13: “E que é tudo isso, se não tenho amor?” (HILLESUM, 1995, p. 748).²⁰ Livre espiritualmente como sempre, ela não hesitará em usar termos mais que cristãos, eucarísticos – mas não são eles igualmente patrimônio de toda a humanidade? – para expressar seus desejos no final de seu último diário, na data de 12 de outubro de 1942: “Eu parti meu corpo como pão e o reparti... E por que não, eles estavam famintos e sentiam falta disso por tanto tempo...” (HILLESUM, 1995, p. 760)²¹. E termina

²⁰ Santa Terezinha escreverá em seu diário, um século antes palavras muito semelhantes: “Meus imensos desejos me eram um autêntico martírio. Fui, então, às cartas de São Paulo a ver se encontrava uma resposta. Meus olhos caíram por acaso nos capítulos doze e treze da Primeira Carta aos Coríntios. No primeiro destes, li que todos não podem ser ao mesmo tempo apóstolos, profetas, doutores, e que a Igreja consta de vários membros; os olhos não podem ser mãos ao mesmo tempo. Resposta clara, sem dúvida, mas não capaz de satisfazer meu desejo e dar-me a paz. Perseverei na leitura sem desanimar e encontrei esta frase sublime: Aspirai aos melhores carismas. E vos indico um caminho ainda mais excelente (1Cor 12,31). O Apóstolo esclarece que os melhores carismas nada são sem a caridade, e esta caridade é o caminho mais excelente que leva com segurança a Deus. Achava enfim o repouso. Ao considerar o Corpo místico da Igreja, não me encontrara em nenhum dos membros enumerados por São Paulo, mas, ao contrário, desejava ver-me em todos eles. A caridade deu-me o eixo de minha vocação. Compreendi que a Igreja tem um corpo formado de vários membros e neste corpo não pode faltar o membro necessário e o mais nobre: entendi que a Igreja tem um coração e este coração está inflamado de amor. Compreendi que os membros da Igreja são impelidos a agir por um único amor, de forma que, extinto este, os apóstolos não mais anunciariam o Evangelho, os mártires não mais derramariam o sangue. Percebi e reconheci que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, abraça todos os tempos e lugares, numa palavra, o amor é eterno. Então, delirante de alegria, exclamei: Ó Jesus, meu amor, encontrei afinal minha vocação: minha vocação é o amor. Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, tu me deste este lugar, meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor e desse modo serei tudo, e meu desejo se realizará.”

²¹ Impossível não aproximar aqui a experiência de Etty Hillesum da experiência de outra mística do século XX, judia como ela: Simone Weil. Em Londres, sem poder entrar na França ocupada, Simone Weil escreve uma oração terrível, em meio à qual diz: “Pai, em nome de Cristo, concede-me: Que eu não possa corresponder a nenhuma de minhas vontades com nenhum movimento do corpo, nem sequer um esboço de movimento, como um paralítico completo. Que eu seja incapaz de receber qualquer sensação, como alguém que fosse inteiramente cego, surdo e privado dos três outros sentidos. Que eu fique fora do estado de encadear pela menor ligação dois pensamentos, mesmo os mais simples, como um desses idiotas completos que, além de não saber contar nem ler, não puderam jamais aprender a falar. Pai em nome de Cristo, concede-me realmente tudo isso... Que tudo isso seja arrancado de mim, devorado por Deus, transformado



seu diário com as palavras: “Queria ser um bálsamo versado sobre tantas feridas” (HILLESUM, 1995, p. 761). A partir daí só escreverá algumas cartas aos amigos que ficam para trás e se dedicará a derramar esse amor que lhe enche o peito sobre todos que estão sofrendo no campo e posteriormente no transporte para Auschwitz e no próprio campo de extermínio. E nesta circunstância tão dolorosa e negativa, vê lucidamente o fato de que os alemães planejaram o extermínio sistemático de seu povo sem engano. Mas sustenta que “se pudesse ser encontrado um só alemão decente”, haveria razões de sobra para não odiar a totalidade do povo (DAY, 2008, p. 8). “Apesar de todo o sofrimento e injustiça, eu não posso odiar outros” (DAY, 2008, p. 72).

Sua visão da natureza humana pode ser descrita com propriedade como radicalmente altruísta. À luz da obscuridade e desintegração ao seu redor, ela acredita que haverá sempre possibilidade de encontrar sentido e beleza “Se somos enviados ao inferno, é preciso ir para lá tão graciosamente quanto possamos” (HILLESUM, 1995, p. 761). Se aceitamos nossa própria natureza e as coisas são o que realmente são, pode-se ganhar confiança na confiabilidade da vida e da morte em seus próprios termos.

Um sofrimento a abraçar e não a escapar ou rejeitar: Etty derramou sua vida em serviço e sacrifício pelos outros e no desejo de morrer em solidariedade com as vítimas, sabendo que aqueles à sua volta, fossem vítima ou opressor, não aceitavam os fatos de sua existência, renegavam de seu destino e traíam a beleza e o sentido da vida. Não é Deus que ela culpa pela desintegração e destruição de seu povo, mas os seres humanos. Olhando de frente esta realidade, e sabendo o que esperava a ela e a sua família, ela não menos insiste incansavelmente que sentido e beleza podem ainda ser encontrados na pior das situações.

Sente-se, sobretudo, unida e parte do sofrimento que está reservado a seu povo naquele momento histórico e do qual ela não deseja estar excluída nem tampouco eximida. Ao diário ela confia seus sentimentos, ainda um ano antes de ir para Auschwitz: “caminhando... eu pensava no dia em que tudo isto estiver acabado, quando caminharemos para chegar a uma sala comum de um acampamento, onde morreremos com muitos

em substância de Cristo, e dado de comer aos infelizes cujo corpo e alma carecem de toda espécie de alimento. E que eu seja um paralisado, cego, surdo, idiota e lesado. Pai, porque és tu o Bem e eu sou o medíocre, arranca de mim este corpo e esta alma para fazer deles coisas tuas, e deixa subsistir em mim, eternamente, este desgarramento, ou então o nada.”

outros. Eu sabia tudo isso, enquanto eu caminhava, que será não apenas meu destino, mas o de todos os outros, e eu o aceitei” (HILLESUM, 1995, p. 650).

O sofrimento é central na visão de Etty sobre o ser humano, e a este sofrimento ela aprendeu a abraçar quando abraçava “S”. “Através do sofrimento devemos partilhar nosso amor com a totalidade da criação” (HILLESUM, 1995, p. 125). “O sofrimento é uma arte. Podemos sofrer com ou sem dignidade. Mas o sofrimento, como a morte, é parte da vida”. Em sua vida, Etty aprendeu a arte de sofrer que faz nascer e crescer a compaixão, brotada de um coração frágil, trêmulo, mas pensante, em face da enormidade do sofrimento de seu povo.

À luz da lama e das infindáveis deportações de Westerbork para Auschwitz ela escreve: “Estou em um estranho estado de triste contentamento” (HILLESUM, 1995, p. 70). “Há lugar para tudo em uma única vida. Para a crença em Deus e para um fim miserável... É uma questão de viver a vida de minuto a minuto e tomando o sofrimento como parte do jogo” (HILLESUM, 1995, p. 129). E lutando para não fugir da realidade que lhe era apresentada, pede a Deus, emocionadamente: “Resta-me uma lição a aprender, a mais dura, meu Deus: assumir os sofrimentos que tu me envias e não aqueles que eu escolhi para mim” (HILLESUM, 1995, p. 744)²².

Etty Hillesum viu sua própria alma como um campo de batalha dentro do qual os grandes dramas da história aconteciam: “Eu me sinto como um pequeno campo de batalha, onde os problemas ou alguns dos problemas de nosso tempo estão sendo disputados. Tudo que se pode esperar é permanecer humildemente disponível, para permitir-se a si mesma ser um campo de batalha” (HILLESUM, 1995, p. 25).

Sua dignidade diante do sofrimento a vir se expressa em palavras dignas e impressionantes: “Certamente, é o extermínio completo, mas que possamos sofrê-lo com graça” (HILLESUM, 1995, p. 750). Em meio ao sofrimento terrível, seu e dos que conhece, dos quais toma conhecimento diariamente e a cada momento, sente-se amada.

A compulsão por ajoelhar-se: Há dois pontos focais que nos ajudam a entender a relação de Etty com Deus: a compulsão para ajoelhar-se e o conteúdo de suas mais intrigantes orações. Ela mesma diz que sua história é a história de uma “garota” que aprendia a ajoelhar-se, aprendendo a rezar (HILLESUM, 1995). Muito mais importante que suas leituras (do evangelho de Mateus ou de Santo Agostinho ou de Rilke), ter que ajoelhar-se para aprender a rezar, – que não é uma postura familiar para a oração na tradição

²² A 2 de outubro de 1942.



judaica, – evidencia a natureza de sua relação com Deus. Seu diário narra uma e outra vez muitas ocasiões de sua gradual adoção da postura ajoelhada para a oração: no banheiro sobre um tapete de fibra de coco, num canto do quarto junto à janela, caminhando pela rua, entre outros. Ela sugere que o ato de ajoelhar-se é mais íntimo que as intimidades de sua vida sexual e amorosa (HILLESUM, 1995, p. 757)²³. E essa postura é o sinal de sua entrega, seu consentimento ao mistério que vai se apoderando de sua pessoa irresistivelmente²⁴.

Muito instrutiva é sua crescente consciência de que se pode rezar em qualquer lugar, atrás de uma cerca de arame farpado ou em um quarto em Amsterdam. Na medida em que ela cresce na consciência de sua habilidade para rezar seja onde for e sempre, ela escreve sobre seu desejo de ajoelhar-se interiormente, uma espécie de postura interior que ela assume regularmente e com crescente frequência. Ela se ajoelha diante de Deus que é o Santo. Trata-se de uma prostração interior sem palavras ou imagens, nas profundezas de sua alma diante do Único que aí deve ser discernido, agradecido e louvado. O corpo de Etty, tão sensível em seus sentidos e aberto para a tudo captar, sente esse desejo de ajoelhar-se como uma verdadeira re-configuração totalizante de toda a sua pessoa como ela escreve a 3 de abril de 1942:

Meu corpo todo inteiro é às vezes percorrido pelo movimento natural de desejar ajoelhar-se, ou melhor, não, é outra coisa: eu diria que o gesto de ajoelhar-se é modelado em todo o meu corpo, eu o sinto às vezes em todo o meu corpo. Tornou-se um gesto infuso em meu corpo, e que deseja às vezes ser realizado (HILLESUM, 1995, p. 451).

E esse gesto vai ser sua grande consolação nos dias difíceis que sabe que tem que enfrentar. Como quando escreve em 10 de outubro do mesmo ano:

Quando a tempestade é por demais violenta, quando eu não sei verdadeiramente mais o que fazer, resta-me sempre e ainda duas mãos a unir e joelhos a dobrar. É um gesto que não nos foi transmitido de geração em geração a nós, judeus. Tive grande dificuldade em aprendê-lo. É a mais preciosa herança que me legou o homem do qual já quase esqueci o nome, mas cuja melhor parte continua a viver em mim (HILLESUM, 1995, p. 756).

Este Deus diante de quem Etty Hillesum se ajoelha não é o Deus da teologia convencional. Em algumas de suas mais inspiradas e inspiradoras orações, Etty promete cuidar de Deus, guardar o lugar dentro de si própria onde Deus habita. Deus é visto como aquele que não pode fazer nada sobre as circunstâncias e sofrimentos que ela vive, ou sobre

²³ “É meu gesto mais íntimo, mais íntimo ainda que aqueles que eu faço na união com um homem.”

²⁴ Cf. O comentário que sobre isso faz Y. Bériault, **Etty Hillesum, témoin de Dieu dans l'abîme du mal**, Paris: Médiaspaul, 2010, p. 80-81.

o destino dos judeus. Deus não pode ajudá-la, então ela ajudará Deus. “Eu simplesmente devo tentar ajudar o melhor que puder e se consigo fazer isso, então serei útil para outros também” (HILLESUM, 1995, p. 148).

Deus não é responsável diante de nós pelos eventos históricos. Nós somos responsáveis diante de Deus pelas maneiras pelas quais traímos o dom divino e sua presença dentro dele. Etty viveu com um inegável sentido da proximidade de Deus. O grande e único Santo, presente no coração de toda a criação e ativo na história deve ser protegido e cuidado nas profundezas da alma. Porque é frágil e não esmaga ninguém com sua onipotência. O “insight” mais significativo de Etty pertence à vulnerabilidade da vida divina. E, no entanto, esse Deus frágil se faz sentir sobre ela como amorosa proteção. Ela se sente em seus braços amorosos quanto mais as garras dos nazistas se fecham sobre seu futuro e seu destino. “Não me sinto sob as garras de ninguém, sinto-me somente nos braços de Deus” (HILLESUM, 1995, p. 677).

E se Deus cessa de ajudar-me, – ela diz – eu ajudarei a Deus. Essa vulnerabilidade de Deus que, no entanto, é o único com quem dialoga e seu único interlocutor em meio ao inferno em que vive é o pino da dobradiça que mantém juntas as várias ambigüidades e paradoxos de sua vida interrompida e que, no entanto, era um centro vital de ardente amor e força que dela jorravam como chamas (HILLESUM, 1995, p. 738).

A um certo momento já bem próximo do final de sua vida, no dia 22 de setembro de 1942, Etty Hillesum expressa um desejo : “Eu queria muito viver como os lírios dos campos. Se compreendêssemos bem esta época, é isto que ela poderia nos ensinar: a viver como um lírio dos campos” (HILLESUM, 1995, p. 729). Etty se refere sem dúvida a Mt 6,28, quando Jesus ensina aos discípulos o segredo da liberdade evangélica: ser como os lírios do campo que não tecem nem fiam, mas têm uma beleza maior do que Salomão em toda a sua glória; ou ser como as aves do céu, que não semeiam nem colhem, mas o Pai do céu os sustenta. A conclusão de Jesus é lógica: se Deus veste assim a erva do campo e trata assim as aves do céu, como não fará com o ser humano, sua mais amada criatura?

Etty “sabe” esse segredo, pois seu Deus mesmo lho revelou. Basta ser, deixar-se ser e confiar na infinita bondade de Deus que poderá não atender todos os nossos pedidos, mas que cumpre em nós todas as suas promessas²⁵. E a realização destas promessas se verifica

²⁵ Cf. a semelhança entre a oração de Etty e a de Dietrich Bonhoeffer, cristão protestante que escreve estas palavras na prisão antes de ser morto na forca pelos nazistas. Cf. **Understanding Prayer**, Philadelphia: The Westminster Press, 1981, p. 144.



no fato de que Deus acompanha e sustenta a humanidade em meio as provações e tribulações, a fim de que a treva não vença a luz (BÉRIAULT, 2010, p. 120).

Etty confia nesse Deus fraco e impotente, que sofre com a vítima em vez de aniquilar o carrasco. Sabe que Ele “é pouco capaz de modificar uma situação finalmente indissociável desta vida” (HILLESUM, 1995, p. 680)²⁶. Ela vai cada vez mais se deixando despojar pelo amor desse Deus. E para isso entende que deve deixar de lado tudo: as grandes palavras, as grandiloqüentes atitudes. “É preciso tornar-se tão simples e tão mudo como o trigo que cresce ou a chuva que cai. É preciso contentar-se em ser” (HILLESUM, 1995, p. 672)²⁷.

Os olhos grandes e escuros de Etty fecharam-se em Auschwitz em agosto de 1943. Mas sua palavra e seu testemunho perduram até hoje. E são uma das mais profundas leituras já feitas sobre esse tempo de trevas e banalidade instaurados pelo mal em ação que foi o genocídio nazista na Europa. Da pena de Etty, em 27 de julho de 1942, quando, certa já do destino que a espera, começa a preparar sua mochila para levar consigo para Westerbork, sai essa declaração: “Será muito necessário que reste alguém para testemunhar mais tarde que Deus também viveu em nossa época. E por que não seria eu esta testemunha?” (HILLESUM, 1995, p. 703).

O testemunho de Etty Hillesum ressoa hoje, intacto e sempre mais eloqüente aos ouvidos de nossos contemporâneos. Mística do século XX, ela ensina sempre mais a cuidar do Deus descoberto no interior de cada um a fim de poder enfrentar as dificuldades que a realidade apresenta e tomar compassivamente sobre seus frágeis ombros a dor dos outros para fazê-la sua e “ajudar a Deus” a redimi-la.

CONCLUSÃO

A DIFERENÇA DAS MULHERES NA MÍSTICA DE HOJE

A mística, a experiência amorosa e unitiva de Deus sempre se caracterizaram por ser um caminho contra-cultural, acontecendo na contra-mão do *status quo* e da cultura vigente. Em nossos tempos, pode-se perceber isto com tintas fortes e iniludíveis.

1. Em uma cultura de prazer e sensações seduzidas a mística impele a deixar-se afetar pelo outro, assumindo um desprendimento e uma ascética que faz acolher toda dor e

²⁶ Em 12 de julho de 1942.

²⁷ Em 9 de julho de 1942.

ser um espaço onde a dor possa abrigar-se, um “bálsamo para as feridas” como diria Etty Hillesum. Visibiliza-se como uma experiência de sedução pela comunhão com a dor alheia em carne própria.

2. Em uma cultura consumista, a mística leva a uma experiência do dom, da entrega, do cuidado. Os místicos de hoje nos ensinam que a pobreza não é não ter, mas sim dar-se.

3. Em uma cultura que cultiva a soberba em sua autonomia, a mística é uma experiência receptiva que se entende a partir do Outro. Trata-se de uma experiência teopática, que padece a ação do outro e dali vê emergir sua própria ação. Simone Weil, exemplo excelente disto que afirmamos, faz em sua obra o elogio da passividade enquanto “ação não agente” (action non agissante).

4. Em uma cultura marcada pelo desejo de ter, de possuir, de manipular, de consumir como é nossa cultura pós-moderna, a mística contrapõe o desejo de dar-se, de desapropriar-se, de entregar-se, de ser consumido e distribuído eucaristicamente em alimento.

5. Em uma cultura que ensina a desejar sempre ganhar tudo e em tudo a mística introduz o desejo de perder a vida. Ao desejo de ter êxito e sucesso passando por cima dos outros, a mística leva a – na expressão do grande filósofo judeu Emmanuel Levinas – ser refém dos outros.

6. Em uma cultura e sociedade injustas, a mística exacerba o desejo e a prática da justiça pagando o preço com sua própria pessoa e sua própria vida.

7. Em uma cultura de violência, a mística reforça o desejo de estar com as vitima da violência, não com os verdugos, não ao abrigo dos efeitos da violência. O místico vibra de desejo de sofrer os efeitos da pobreza e da violência a fim de não estar separado dos outros.

8. Em uma cultura que interpela negativamente a partir do rosto dos sofredores de todo tipo, o místico é aquele ou aquela que responde a essas interpelações com sua mesma vida.

As mulheres vivem esse caminho na contra mão de uma maneira toda especial, a partir de sua diferença. Integrando corpo e espírito, razão e emoção, doação e fecundidade, marcam a história de uma maneira que apenas começa a ser valorizada em nossa cultura.



Místicas e profetas, elas nos indicam os caminhos que a escuta e a prática da Palavra lhes indicaram e que deu sentido maior a suas vidas. Olhar para suas pessoas, ler suas biografias, ouvir suas histórias de vida é certamente uma fecunda interpelação para a humanidade nos dias que correm.

RÉSUMÉ

Le mystique chrétienne se trouve aujourd'hui lui-même aux prises avec la question de son identité, parfois perdu et fragmenté au milieu d'un mar d'expériences religieuses, qui ne passent pas nécessairement par l'altérité qui, dans sa liberté absolue, se révèle comme Sainteté, à savoir altérité absolument autre.

Mots-clés: Mystique chrétienne. Altérité. Expérience religieuse.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo (org). **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974.

BRADY, Judith. **Dorothy Day: a love of fiction and her love of the poor**. In Religious Education: Spring, 20/10. V 105, 2.

BUELTA, B.G. **Ver ou parecer**. Santander: Sal Terrae, 2002.

CASARELLA, P. **Sisters in doing the truth: Dorothy Day and St. Therese de Lisieux**. In Communio, n. 24, 1997, p. 468-498.

COLES, Robert. **Dorothy Day: a radical devotion**. Cambridge: De Capo Press, 1987.

DAY, Dorothy. **The long loneliness. The autobiography of Dorothy Day**. Nova York: Image Books, 1959.

_____. **House of hospitality**. Nova York: Curtis Books, 1972.

_____. **On pilgrimage: the sixties**. Nova York: Curtis Books, 1972.

_____. **On pilgrimage. Grand Rapids**. Edinburgh: Eerdmans/T & T Clark, 1977.

_____. **The duties of delight. The diaries of Dorothy Day**. R. Ellsberg (Ed): Milwaukee, Marquette, 2008.

_____. **By little and by little**. The selected writings of Dorothy Day. Nova York: Alfred A. Knopf, 1983.

- _____. **From union square to Rome.** Silver Spring: Preservation of the faith press, 1940.
- _____. **Loaves and fishes. The story of the catholic.** Worker moviment. San Francisco: Harper and Row, 1963.
- _____. **All the way to heaven. The selected letters of Dorothy Day.** Milwaukee, Marquette University Press, 2010.
- DOWNEY, See M. **A balm for all wound: the spiritual legacy of Etty Hillesum.** Spirituality today. Spring, 1988, n 1.
- DUCROCQ, Anne. **Etty Hillesum, une vie bouleversante,** in <http://www.cles.com/itineraires/article/etty-hillesum-une-vie> acessado em 4 de março de 2011.
- DUTTER, Cecília. **Etty Hillesum, une voix dans la nuit.** Paris: Robert Laffont, 2010.
- FLOREST, Jim. **Love is the measure: a biography of Dorothy Day.** Nova York: Orbis, 1994.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço.** Petrópolis: Vozes, 1984.
- HILLESUM, Etty. **Etty: the letters and diaries of Etty Hillesum: 1941-1943.** Edited by Klass A. D. Smelik. Translated by Pomerans, Arnold J. Grand Rapids. Ottawa, Eerdmans Novalis: St. Paul University, 2002.
- _____. **Etty une vie bouleverseé.** Suivi de Lettres de Westerbork. Paris: Seuil, 1995.
- METZ, Johann Baptist. **El clamor de la tierra.** Verbo Divino: Estella, 1996.
- _____. **Memoria Passionis.** Santander: Sal e Terrae, 2007.
- MOINGT, Joseph. **L'homme qui venait de Dieu.** Paris: Cerf, 2001.
- PANIKKAR, Raimon. **Da mística. Experiência plena da vida.** Barcelona: Herder, 2005.
- PAULO VI. **Populorum Progressio,** esp. n. 32.
- PLESHOYANO, Alessandra. **L'heritage spiritual d' Etty Hillesum.** Studies in Religion/Sciences Religieuses 37/1.2008 p 63-78.
- SHINEIDER, Michael. **Teologia como biografia. Una fundamentación dogmática.** Bilbao: Desclée, 2000.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental.** São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **A experiência de Deus.** In Leonardo Boff (org). **Experimentar Deus hoje.** Petrópolis: Vozes, 1974



WEIL, Simone. **Attende de Dieu**. Paris: Fayard, 1966.